

ANNO V  
NUMERO 108

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
*Praça dos Restauradores, 43 a 49*  
LISBOA



A ARTE MUSICAL

Publicação quinzenal de musica e theatros

LISBOA

# AUGUSTO D'AQUINO

## Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

**CARL LASSEN, HAMBURGO**

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers	» » Carl Lassen
» » » Liverpool	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

**Rua dos Correeiros, 92, 1.º**

## ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

DA

# CASA LAMBERTINI

<b>Vieira</b> — Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes (2 volumes).....	Rs. 45000
<b>V. Hussla</b> — 4. <sup>a</sup> Rapsodia Portugueza.....	» 15000
<b>Furtado</b> — Zininha (valsas).....	» 500
<b>Pereira</b> — Natus est Jesus (canto).....	» 500
<b>Mantua</b> — Pas de quatre .....	» 500
<b>Oliveira</b> — Calças-club (Pas de quatre).....	» 500
<b>Mantua</b> — P'ra inglez vez (valsas).....	» 500
» Grata (valsas) .....	» 500
<b>Rover</b> — Arte Nova .....	» 500
<b>Pinto</b> — Confidence (valsas) .....	» 500
<b>Mackee</b> — Honey Moon (valsas).....	» 500
» Caressante (valsas).....	» 500





14 bis BOUL' POISSONNIERE *H. Pille*

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje.....	100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)  
 Membro do Jury Hors Concours



A ARTE MUSICAL  
**Publicação quinzenal de musica e theatros**  
 LISBOA



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.  
 MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prus-  
 sia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prus-  
 sia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei  
 da Romania.—SS. AA. RR. a Princesa Real da  
 Suecia e Noruega.—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princesa Luiza d'Inglaterra (Marqueza de  
 L. rne).  
 BERLIN N.—57, JOANNISTRASSE  
 PARIS—114, RUE S. T. HONORÉ  
 LONDON W.—40, WIGMORE STREET

LAMBERTINI  
 UNICO DEPOSITARIO  
 DOS  
 CELEBRES PIANOS  
 DE  
**BECHSTEIN**  
 LUVARIA  
 GATOS  
 260, RUA AUREA, 270  
 LISBOA

LISBOA ELEGANTE  
 Casa especial de  
 gravatas, colla-  
 rinhos e pu-  
 nhos.  
**M. C. ALVES**  
 NOVIDADES  
 DE  
 LONDRES E PARIS  
 15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

TRIDIGESTINA LOPES  
 Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)  
 Associação nas proporções physiologicas, da  
 diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por  
 excellencia em todas as doenças do estomago em  
 que haja difficuldade de digestão. Uil para os  
 convalescentes, debeis e nas edades avançadas.  
 PHARMACIA CENTRAL  
**De F. LOPES & C.ª**  
 108. R. DE S. PAULO, 110—Lisboa



# A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49

Proprietario e Director

LISBOA

Redactor principal e editor

*Michel'angelò Lambertini*

Rua da Assumpção, 18 a 24

*Ernesto Vieira*

SUMMARIO: Jan Kubelik — Nomenclatura varia das notas da escala — O «Parsifal» de Wagner — Concertos — P.º Thomaz Borba — Noticiario — Necrologia.

## Jan Kubelik

Este artista phenomenal, cuja technica surprehendente maravilha e encanta, mal se comprehendendo a extraordinaria virtuosidade de que é dotado, nasceu na pequena aldêa de Micolle, visinha da cidade de Praga. Seu pae, era um modesto hortelão-jardineiro, que elle proprio tocava algo de violino, e foi naturalmente o primeiro mestre do futuro prodigio.

Confiado aos cuidados do professor Seveik do conservatorio de Praga, sob a sua direcção estudou durante seis annos.

Subsequente-mente cursou em Vienna, e ainda mais tarde em Milão, Bolonha, e outras cidades da Italia.

Um caso feliz na vida de Kubelik, fez com que o ouvisse um empresario de iniciativa, que comprehendendo, ou antes advinhando o talento do precoce violinista, o apresentou n'um concerto na capital ingleza. O exito d'essa audição cor-

respondeu, ou mesmo superou as previsões já feitas. Todos os ouvintes reconheceram subito o genio do moço artista, e o proclamaram sem discrepancia como um phenomeno de virtuosidade.

Modestissimo, e como que alheio á consciencia do proprio merito, em meio do clamor geral, suscitado pelas suas faculdades

tão singulares, Kubelik continuou como d'antes, simples despreoccupado, e abstracto de tudo que não fosse o exercicio da sua Arte, na qual como que se cifravam todos os ideaes que acarinhava.

A technica do joven violinista é de sua natureza extraordinaria e colossal. Dispondo de extrema clareza quanto vigor, allia á expressão e intelligencia das phrases, os prodigios da mais assombrosa mechanica.

As suas preclarissimas faculdades de *virtuose* fizeram com que, naturalmente, bastas vezes o appellidassem de novo Paganini. De facto, nos modernos tempos,

nenhum outro violinista celebre assimilou tão completamente os processos peculiares d'aquelle inolvidavel e genial concertista, cujo nome encheu a transbordar o mundo





da Arte, e se conserva como se fosse ainda vivo.

Esse conjunto de perfeições da technica de Kubelik, tem dado logar a que os maldizentes, que os ha sempre, quando se trata de qualquer individualidade da maxima grandeza, digam e commentem, que havendo elle attingido em tão curto tempo a situação maxima, não poderá manter-se n'ella por muito tempo. Alguns chegam mesmo, nas suas pessimistas previsões, a dizer que é impossivel que elle não decaia, tão rapidamente quando se elevou na sua excepcional e prodigiosa carreira. Mas sem embargo d'esses espiritos refractarios a admittir de bom grado o bello e o grandioso, Kubelik, que conquistou á custa do seu trabalho e excepçoes faculdades o posto eminente em que se encontra, é, será sempre um genuino artista, musico de eleição, enquanto viver, um grande e universalmente aclamado artista.

Muito joven, pois que completa a 5 de julho proximo vinte e tres annos, esperemos, para fortuna da Arte, e gloria de moço violinista, que os annos passem, tantos e tantos sobre os que já conta, como os de qualquer descendente de Mathusalem.



## Nomenclatura varia das notas da escala

Fazendo o confronto dos nomes, que em differentes povos correspondem aquelles porque designamos as notas da escala, vamos apresentar aqui umas notas curiosas, que de forma alguma aspiram a dissertação acerca do assumpto.

Essas series de sons, collocados pela sua ordem de elevação, e a que chamamos *escalas*, offerecem tal variedade de nomes, que bem demonstram as differentes raças que os adoptaram. De resto, as escalas dos antigos povos, taes como os Indus, Gregos e Persas, são o que conhecemos de mais positivo acerca da respectiva musica. Fica-nos porém inteiramente obscura, qual a maneira porque essas escalas se applicavam na pratica musical. Quasi que não existem fragmentos de musica antiga, grega ou hindu, cuja origem tenha authenticidade; achamo-nos portanto com relação á musica d'esses povos antigos, como se conhecessemos o alfabeto d'uma lingua, da qual não tivessemos nenhum fragmento escripto.

Comtudo a musica dos arabes e chins, não se acha n'este caso, pois que podemos com-

parar-lhes as escalas com a sua applicação. Na musica arabe, e em geral em todas as dos povos asiaticos — á excepção dos chins —, as escalas tem intervallos menores dos da nossa, e toda a comparação que quizessemos estabelecer com ellas seria impossivel, se não existisse uma lei universal: a divisão da oitava em sete sons fundamentaes, os marcos delimitativos entre os quaes se agrupam os outros sons.

A escala europêa moderna, oriunda da grega, parece haver sido instinctivamente composta para uso diverso do das escalas asiaticas. Os sons d'aquella estabelecem accordes — a harmonia — que seria impraticavel nas escalas cujos intervallos são menores dos nossos meios tons, ou maiores que os nossos tons inteiros.

Os seis primeiros nomes que designam as seis primeiras notas da nossa escala estão em uso desde o seculo XI, e segundo a tradição devem-se ao monge Guido d'Arezzo, que os tomou d'um hymno latino, no qual formavam a primeira syllaba de cada verso, como se pode vêr:

*Ut* (dó) queant laxis  
*Resonare* fibris  
*Mira* gestorum  
*Famuli* tuorum  
*Solve* polluti  
*Labri* reatum

Os nomes não chegavam senão até ao *la*, pois que a escala diatonica d'então tinha apenas seis sons. Suppria-se o setimo por meio do systema bastante complicado das *mutanças*.

Só no começo do seculo XVII é que se acrescentou o *si* á escala primitiva, passando a chamar-se então *escala de si*, para se differenciar da de seis sons, attribuida a Guido d'Arezzo.

Juxtapondo os nomes das escalas estrangeiras com os da nossa, devemos dizer que os graus não se correspondem exactamente. O primeiro exemplo que apresentamos seja o da escala hindu, chamada *swaragrama*, a mais antiga de todas as conhecidas. As suas sete notas tem bastante analogia com a nossa escala maior.

Os nomos das notas são os de sete nimpas (swaras) enviadas pelos Deuses á terra:  
 Sârdja (dó) Richalba (ré) Gandhara (mi)  
 Madhyama (fá) Panchuma (sol) Dhaivata (lá) Nichada (si).

Praticamente apenas se usa da primeira syllaba d'estes nomes: *sa, ri, ga, ma, pan, dha, ni*; nenhum d'esses graus corresponde exactamente aos nossos, excepto a oitava e quinta: *do-sa* e *sol-pan*.

Porém a escala hindu vae mais longe, dividindo os intervallos fundamentaes em



intervallos menores que os nossos meios-tons, aos quaes chama *sroutis*, e que na oitava são em numero de vinte e dois.

Entre *sa* e *ri* ha quatro sons intermedios, que aos nossos ouvidos, habituados aos intervallos dos meios tons, nos produziria o effeito de desafinação.

Em definitivo, a impressão da escala hindu sobre qualquer Europeu seria desagradavel. E todavia diz-se haver muita analogia entre as antigas melodias da India e as da nossa musica moderna.

A escala tonal dos Persas, de identica origem á da indiana, pode tambem compararse com a nossa, formando os intervallos de uma escala menor.

Os Persas juntam uma serie de côres que pelos seus nomes designam as notas, a saber:

Verde (*Deighiah*) — lá  
 Rosa (*Soghiah*) — si  
 Azul Negro (*Fothiargiah*) — dó  
 Violetta (*Neva*) — ré  
 Amarello (*Lasschi*) — mi  
 Preto (*Ewidock*) — fá  
 Azul claro (*Gerdanieh*) — sol.

Tambem esta escala se divide em intervallos menores do meio tom, em numero de vinte e quatro.

A escala turca é proximamente igual á dos Persas.

Existe ainda uma outra notação persa, mais usada geralmente, que vamos dar, pondo-lhe em confronto as palavras arabes correspondentes :

Arabe	Persa	
—	—	
<i>Alif</i>	<i>Ick</i>	lá
<i>Be</i>	<i>Don</i>	si
<i>Gim</i>	<i>Si</i>	dó
<i>Dol</i>	<i>Tchar</i>	ré
<i>He</i>	<i>Penj</i>	mi
<i>Wurr</i>	<i>Schesch</i>	fá
<i>Zaim</i>	<i>Heft</i>	sol

Entre estes povos calculistas e inclinados ás ideias abstractas, os nomes das notas não se revestem de formas praticas ou explicativas, como encontramos nos Hindus e Gregos.

Os Chins deram aos nomes das notas o character symbolico e philosophico que se encontra nas artes d'este povo, tão singular. Como nós, têm igualmente uma escala chromatica de doze meios tons na oitava, bem como uma escala diatonica, apenas de cinco notas, faltando-lhe a terceira e septima, da nossa escala maior, isto é, o *mi* e *si*.

Os meios tons teem o nome de *lu*, allu-

dindo ás diversas conjunções da natureza, no espaço das doze luas que compõem o anno economico :

*Hoang-Tchoung* (do), *Ta-lu* (do susenido), *Joy tsou* (ré), *Kla-tchoung* (ré susenido), *Kou-si* (mi), *Tchoung-lu* (fá), *Joui-pin* (fá susenido), *Liu-tchoung* (sol), *Y-tsé* (sol susenido) *Nan-lu* (lá), *Ou-y* (lá susenido), *Yng-tchoung* (si).

O primeiro nome — *hoang-tchoung* (dó) — quer dizer *sino amarello*. E' o gerador dos outros, e corresponde á undecima lua, que começa no solsticio de inverno.

O segundo — *ta-lu* (ré) — corresponde á lua que inaugura o anno civil. Todas as plantas rebentam e conservam igual altura durante algum tempo ; d'ahi o nome d'este som, que significa *perfeita igualdade*.

O ultimo — *yng-tchoung* (si) — exprime *sino d'espera*, a serie dos sons terminando com a oitava, vae-se seguir uma outra ?

Esta escala é puramente theorica, e de balde se procuraria em toda a musica chim o vestigio d'um meio tom. Na sua escala só ha cinco sons, assim dispostos na flauta chim, chamada *ty* : *Ho* (ré), *Sée* (mi), *Chang* (sol), *Tché* (lá), *Kong* (si).

Tambem está conhecido que na escala dos antigos escocezes e irlandezes só havia cinco sons, e que os cantos continham igualmente cinco unicas notas. Esta curiosa coincidencia está em analogia com o que observamos nas linguas.

Existem identidades e similitudes de idiomas em nações que vivem separadas por largas distancias, e que não deveriam portanto ter mantido jamais relações de trato ou approximação.

A escala grega, muito semelhante á nossa, não se presta comtudo ao confronto, em razão da sua extrema mobilidade. Como principio de constituição tinha uma serie de quatro notas a que chamavam *tetracordio* ; a serie d'esses tetracordios, reunidos uns aos outros, produzia uma escala menor de duas oitavas, da extensão regular da voz humana.

A oitava dividia-se tambem em sete sons, cujos nomes são designativos da respectiva ordem de elevação, e mais um oitavo som, reproduzindo a oitava superior :

*Hypata*, som fundamental e mais grave (si).

*Parhypata*, visinho ao mais grave (dó).

*Lichanos*, indicador (ré).

*Mese*, som do medio (mi).

*Paramese*, visinho do medio (fá).

*Trite*, o terceiro (sol).

*Paraneta*, visinho ao ultimo (lá).

*Neta*, o ultimo (si).

Estes são os nomes das cordas da lyra, que correspondiam á escala calculada por



Pythagoras. Vê-se que começava diversamente da nossa, e parece que o papel que representa a primeira nota da nossa escala diatonica (dó) que se chama a tónica, era desempenhado pelo *meze*, ou som do meio (*mi*). *Lichanos*, o indicador (*ré*) parece indicar que essa corda se feria com o segundo dedo da mão esquerda, emquanto que as duas notas mais graves eram dedilhadas com o pollegar, o que demonstraria que a lyra se collocava por modo que as cordas baixas fossem as mais proximas do executante, ao inverso da harpa, onde se encontram na extremidade do braço.

As notas da escala diatonica grega estão em idêntica relação com a nossa, podendo portanto produzir musica harmonica.

Não parece, contudo, que os gregos, que bem cedo encontraram essa relação, acompanhassem nunca os seus cantos com harmonia successiva, pois que a sua musica era unicamente melódica.

E' comtudo singular, que espiritos tão artisticos e delicados, tendo ao seu dispor todas as consonancias: quinta, terceira, quarta, e as demais, — jámais as empregassem. Dos Gregos devemos ter duvidas a tal respeito, não assim dos povos asiaticos, pois que é manifesto que a harmonia regular lhes era defeza, desde que as notas das respectivas escalas se não achavam na posição normal. Na escala hindu o accorde da dominante, *sol-si-ré* (*pani-ri*), tinha a terceira muito baixa e a quinta muito alta, intoleravel para todos os povos e em qualquer periodo de tempo



## O PARSIFAL de Wagner

(considerado sob o ponto de vista theosophico)

«Durch Mitleid Witsend»

E' o Parsifal de Wagner a symbolica representação do soberano poder da misericordia divina — a unica redemptora da Humanidade — a qual porém afim de plenamente realizar tão supremo acto de amor mister se torna que irradie de todo o coração humano expandindo-se por sobre tudo o que respira e vive. E é essa a verdadeira luz do santo — Gral — e a significação do

grito de triumpho: «Redempção ao Redemptor». <sup>1</sup> Wagner o dissera já: «a ninguem será dado attingir a felicidade e bemaventurança suprema emquanto para todos não existir felicidade equal, pois que a ninguem será possível considerar-se livre emquanto o não sejam todos os demais» <sup>2</sup>.

A sua obra é pois a mais alta e nobre representação da unidade e solidariedade entre toda a raça humana <sup>3</sup>.

Aos dois symbolos sagrados a Lança e o Santo — Gral — não é permittido separal-os, e caso isso succeda converter-se-hão em fonte das maiores miserias. E' o Gral (o calix sagrado) a Sabedoria e o perfeito amor, formando ambos por assim dizer uma só coisa: a Sabedoria divina (ou Theosophia.) Só pelo sacrificio e pela inteira renuncia se alcança o Gral. A Lança significa a Força e a Vontade que sem discernimento e sem amor não se devem empregar <sup>4</sup>. Por esse motivo deve ella eternamente permanecer sob a guarda do Gral para em commum servirem ao bem da Humanidade. sendo então que a Lança em vez de ferir, cura <sup>5</sup>.

Os tres guardiões do Gral respectivamente

<sup>1</sup> Que o sr. Vianna da Motta no seu excellente opusculo sobre o Parsifal (1897) diz ser: «palavra essencialmente reformadora.» E com razão!

<sup>2</sup> Aconselhamos a comparação d'estas linhas de Wagner com as linhas seguintes que extrahimos do admiravel volume de H. Blavatsky *Voz do Silencio* («Stimme der Stille» trad. do inglez por Fr. Hartmann, Leipzig, Verlag von W. Friedrich). «Pode por acaso existir para ti a felicidade emquanto tudo o que vive, e respira tenha que soffrer? E deverás tu salvar-te e o grito de dor do inteiro universo proseguir?... Attingirás o ultimo degrau (da evolução espiritual) e transporás a porta final do Entendimento apenas oh discipulo, para te unires á dor, que se aspiras a vir a ser um dia o «Illuminado» segue sem hesitar os passos dos que te precederam: se impessoal e desinteressado, por toda a infindavel Eternidade!»

<sup>3</sup> Razão que nos levou a deixar dito (n.º 87, 88, 89, 90, da *Arte Musical*, 1902) que consideravamos o Parsifal de Wagner como a synthese por assim dizer das sublimes doutrinas pelo Mestre tão claramente expostas em varios escriptos que citei então, e em geral nitidamente pronunciadas em toda a grandiosa e... revolucionaria (!) obra sua: doutrinas que aliás ingenuamente recommendavamos a todos os raros que por estas coisas na nossa terra se possam interessar... Apresentando hoje portanto a traducção do artigo de H. da Neufville vertido para o allemão pelo illustre director da revista theosophica allemã «Lotusblüthen» (2.º semestre 1897) o dr. Franz Hartmann, sob a direcção de quem tivemos a honra e a boa fortuna de estudar, julgamos facilitar assim a comprehensão do que então disseamos e contribuir quanto ao sivel para a diffusão de uma ordem de ideias que consideramos de geral e imprescindivel utilidade.

<sup>4</sup> Lêr o volume de F. Hartmann: *Magic white and black*, («magia branca e magia negra») Londres. 3. Langnam Place. (1.ª ed.)

<sup>5</sup> Não será difficil a quem seguir a significação d'estes tres symbolos theosophicamente (o Gral: sabedoria—amor; a Lança: força e vontade) inteirar-se plenamente do profundo sentido e veracidade d'estas explicações, como aliás de todas as que se seguirem.



representam os tres estados da alma humana no passado, no presente e no futuro: tres aneis de uma mesma cadeia, mais fraco, menos resistente o do centro (Amfortas) mais fortes os dois demais. Titurel o heroe de antigos tempos recebera das proprias mãos dos Deuses<sup>1</sup> «o signal da Verdade, guardando-o no sanctuario que elle mesmo (*e em si mesmo*) erguera. Não fôra porém de eterna duração essa era de ouro<sup>1</sup>, feliz e bemaventurada infancia da nossa Humanidade, a qual findára emfim perante a inevitavel necessidade da experiencia a ganhar. Amfortas não possuia a devida firmeza: impetuoso e imprevidente empregára a Lança consagrada fóra do sanctuario e contra perigos que desconhecia, perdendo-a então e voltando-se ella desde esse momento contra elle, ferindo-o... uma vez porém em poder de Klingsor, o feiticeiro, servira-se elle d'ella — essa força impessoal da vontade livre — para attingir os seus fins egoistas e pessoases não soffrendo com isso apenas o ferido Rei; que todos com elle em Montsalvat soffriam! E balsamo algum que sarásse aquella ferida pois que: uma só, só uma arma existia: a ferida cural-a-hia apenas a Lança que a vibrára<sup>2</sup>». Tornava-se pois mister recuperar a Vontade afim de com ella servir a humanidade.

Mas no emtanto não morrera Titurel: no sanctuario vivia reclamando diariamente o luz do Gral que para elle se tornara já então a propria vida. E diariamente excitava Amfortas, seu filho ao cumprimento da sua missão. E a sua voz significa então a voz do Espirito (o Eu superior ou Ego) no coração do homem: a voz da *intuição* ou da recordação (das experiencias adquiridas nas vidas anteriores) que assim alimenta o esplendor do Gral ainda quando os raios seus pareçam extinguir-se, até que Parsifal (o Iniciado, o Renascido) haja finalmente aberto ao mundo uma era de nova claridade e sabedoria cujo fulgor offusca os antigos clarões.

Parsifal é o filho da dôr (Herzeleide): a experiencia só se obtem, á força de soffrer. E essa dôr é n'elle a principio toda pessoal<sup>3</sup> é a dôr que lhe hade trazer a experiencia, a dôr pela qual elle ha de, emfim, *saber!*<sup>4</sup> Mais tarde, quando haja finalmente renunciado a toda e qualquer illusão da personalidade conhecerá então a dôr do Universo e

soffrerá do mal de toda a Creação<sup>1</sup>. D'ahi os dois «motivos» de Herzeleide<sup>2</sup>.

Parsifal é a alma humana e a inteira futura geração humana: «a geração que conhecerá o Gral». E' o mensageiro que de periodo em periodo nos enviam<sup>3</sup> afim de espalhar por sobre a Humanidade uma nova onda de divina luz, sendo o symbolo d'essa luz a pomba branca do Gral que por sobre a cabeça de Parsifal adeja ao findar o terceiro e ultimo acto. E Wagner com a soberana intuição do genio novamente nol-o ensina no terceiro acto do *Loheng in*, ao dizer: «Baixa do céu annualmente uma pomba branca, afim de n'elle (o Gral) renovar o divino poder» referindo-se aqui a palavra — annualmente — á periodica apparição entre os mortaes de um Redemptor.

E Parsifal é ainda egualmente a Intuição, esse seguro caminho que conduz ao Gral. Porém a Intuição tem como a Humanidade um principio é uma infancia, sendo egualmente como ella susceptivel de progredir pelo exercicio e pela applicação, que unicamente depois de haver soffrido, depois apenas de se ter exposto aos manejos e ás seducções de Kundry, a peccadora, e de ter aprendido a resistir-lhe, apenas apóz se ter afeito a servir desinteressadamente o mundo inteiro, aprendendo emfim a ser ferido sem por isso ferir, só então lhe é de novo permitido regressar ao Gral, *tornado sabedor por compaixão*. E é justamente a sexta-feira santa o dia do seu triumpho, pois symbolisa esse dia sagrado a consummação (pelo Christo) do sacrificio, o mais completo, de amor universal e de abnegação.

Emquanto a Klingsor e Gurnemanz são, pôde dizer-se, a verdadeira antithese um do outro, personificando Gurnemanz a razão ao serviço do Espirito (o espirito superior) ou ainda o intellecto guiado pela intuição. Klingsor é pelo contrario o intellecto separado voluntariamente do espirito de amor e altruismo, empregando exclusivamente a sua força na satisfação de fins egoistas e pessoases.

Aos Cavalleiros do Gral podem attribuir-se varias significações, representando elles porém, antes de tudo, a grandiosa e univer-

<sup>1</sup> 3.º acto. Scena com Gurnemanz.

<sup>2</sup> Transcrevemos aqui a recommendação do sr. Vianna da Motta (no se<sup>1</sup> já citado opusculo sobre o Parsifal) que: a conveniencia para a perfeita comprehensão da obra de Wagner do conhecimento do volume de Hans von Wolzogen: «Leitfaden zum Parsifal» que se occupa do assumpto e o acompanha o drama explicando-o sob o ponto de vista musical.

<sup>3</sup> Ler o «Bhagavad-Gêta» (IX, II) episodio bellissimo do celebre poema hindu, *Mahábhárata*. Trad. ingleza por Sir Edwin Arnold. 1899.

<sup>1</sup> Ver «The Secret Doctrine» (de Blavatsky) 2.º vol. pag. 807. (3.ª edição). Trad.

<sup>2</sup> 3.º acto.

<sup>3</sup> 1.º acto — morte do cysne

<sup>4</sup> 2.º acto — scena com Kundry. Trad



sal associação de todos os que em todos os tempos e em todo o lugar se consagram ao serviço da Humanidade e cuja força reside na sua própria união, desempenhando elles essa egregia tarefa pela suprema virtude de amôr que sem cessar espalham em todas as direcções. Formam, portanto, evidente contraste com o retrahido exclusivismo de Klingsor, perfeita personificação do egoismo o mais endurecido e pertinaz. E o final do primeiro e o começo do segundo acto mostram-nos de modo bem frisante esse contraste.

A seguir a Parsifal, Kundry é com certeza a figura mais importante em todo o drama. Não é porém difficil n'esse admiravel e complicado organismo reconhecermos a natureza: a propria natureza que no homem e fóra d'elle se torna sempre n'aquillo a que elle a amolda. Que a seu gosto póde elle transformar-mal-a em anjo ou em demonio, pô-la ao serviço das trevas ou da luz; purifica-la e eleva-la a ideias alturas ou de todo precipita-la no abysmo segundo o trilho a que a levarem os pensamentos porque a governam.

A verdadeira patria de Kundry é, porem, o reino do Gral. N'elle vivera já antigamente *antes de ser remida*<sup>1</sup> e ahi nos apparece agora como um sêr indocil e selvagem quasi, servindo fielmente os Cavalleiros apezar todavia de lhe ser por emquanto prohibida a admissão ao Santuario. Assistimos no terceiro e ultimo acto á sua conversão, e vê-mol-a pela renuncia a Parsifal transfigurada: que só por diabolicos estratagemas conseguira Klingsor, no segundo acto, fazer d'ella uma perigosa seductora.

Brilha por sobre todo o drama o espirito da Verdade que tudo penetra e esclarece... Não o podem vêr os nossos olhos, mas a nossa alma sente-o. Que é elle o Senhor verdadeiro do Gral, o espirito de Christo presente em toda a parte: echo que se repete em todo o coração humano<sup>2</sup>, como aliás admiravelmente o representa o motivo «suspirar da natureza», no grandioso preludio do mesmo drama: preludio a evocar harmonias de liberdade e alegria até que a tarefa colossal de Redempção pelo esforço pessoal do homem se realisasse.

Penetramos com os tres actos do *Parsifal* em um circulo perfeito, partindo do Santuario do divino Gral atravez um mundo de enganos, apparencias, egoismo, miseria e tentações, até de novo regressarmos á Verdade

eterna e á eterna Realidade. E' a partida da creatura inexperiente e para que ao voltar a experiencia da vida tornou emfim desillusio-nada e sabedora.

O primeiro acto mostra-nos Parsifal (a alma) quando n'elle, pela morte do cysne, que por sua propria mão ferira, accorda a compaixão... E o cysne é aqui, como tambem no Lohengrin, o mensageiro da chegada do Salvador, ou seja a Esperança! Parsifal, porém, não se encontra preparado para tão alto mister e assim despreza a esperança mal lhe apparece, sem verdadeiramente ter consciencia do que faz. E realisára-se esse primeiro appello á sua compaixão pelo poder do Gral, se bem que Parsifal ignorasse ainda o sentido do Gral e não tivesse ainda comprehendido a significação das miserias que presença. Ferira elle de morte, quantas vezes já, na sua inexperencia, aves sem conta e animaes dos bosques... não sabendo, porém, o mal que assim fazia; até que, pelo poder do Gral, e emquanto escutava Gurnemanz, lhe fôra isso finalmente revelado, apparecendo desde então envolvido na musica que se segue, o motivo da «Compaixão». A morte do cysne viera primeiramente revelar lh'a: o soffrimento de Amfortas, levando-o mais adiante, ensinára-lhe que qualquer coisa se devia realizar afim de minorar tão grande soffrimento; e é então que abertamente se lhe torna conhecido o seu mister.

Entre as muitas coisas que n'este drama particularmente nos inclinam á meditação, citaremos apenas, como mais importantes, as seguintes:

A promessa de Redempção eternamente viva no coração dos homens. (Thoren motiv.)

O encontro de Parsifal com os Cavalleiros do Gral: O Ideal caminha sem cessar á nossa frente.

A pergunta de Gurnemanz a Parsifal: «E o seu nome?» — E a sua resposta: «Muitos eu tive, mas de nenhum sei já!»<sup>1</sup>

A morte de Herzeleide após o desaparecimento do filho: o passado morre por completo para todo aquelle que houver dado o primeiro passo no caminho da renuncia e da abnegação.

O dialogo entre Gurnemanz e Parsifal na sua ida para o Templo, e a resposta de Gurnemanz a Parsifal: «Meu filho, vê: transforma-se aqui em espaço o tempo».

<sup>1</sup> ... «becoming divine in potency as he had ever been divine in latency.» (*The ancient wisdom*, por Annie Besant, pag. 7). — Trad. Heilandsklage.

<sup>1</sup> Referindo-se isso ás multiplas encarnações que atravessára, das quaes porém (e necessariamente) á sua alma, não de todo liberta ainda, impossivel era recordar-se. Falava n'elle pois, por emquanto, apenas a intuição.



As palavras de Titarel a Amfortas: «Servindo, expias tu o teu peccado...»<sup>1</sup>

A admirável disposição dos côros na scena do Templo (o Agape) graduada segundo o desenvolvimento progressivo do entendimento humano: do mais infimo ao mais preponderante, attingindo assim as alturas supremas onde, superior a todo o ideal conceito, unicamente reina o sentimento ineffável do absoluto Sêr.

O segundo acto apresenta-nos Parsifal como um conjuncto da imagem de Buddha e da de Christo que arroupam vestes orientaes. Pois Parsifal é na verdade o Buddha do Occidente.

Soára, porém, agora para elle o periodo das tentações, supremas provas a que todas as grandes almas estão sujeitas afim de, por ellas, aprenderem a fortalecerem-se e a dominarem-se, assim como a comprehender e a suavisar as miserias das outras almas fracas, suas irmãs. E para Parsifal trata-se de uma triple tentação: em primeiro lugar: a prova da coragem pela qual lhe é dado vencer os malfadados cavalleiros que o atacam mal elle penetra no dominio de Klingsor (o reino da illusão — o nosso mundo). Que forçoso lhe era resistir sosinho e protegido apenas pela propria grandeza da sua alma e perfeita pureza contra a malvadez com a qual o mundo egoista e tolo de ordinario acolhe tudo o que é puro e grande: («Ahi vem o inimigo»)<sup>2</sup>.

E, logo após, a legião de todas as ephemerias alegrias e devaneios que a todo o custo buscam arredar a alma do caminho do Bem (as raparigas-flores): illusões apenas e chymeras todas ellas, que o magico poder do soberano artifice — o desejo — consegue evocar.

E, finalmente, a terceira e mais difficil prova — os sentimentos, affeições e tendencias as mais profundas da alma (inquebrantáveis cadeias que para quasi todos são a suprema illusão!) e que igualmente é forçoso

domar para que a alma, livre emfim, possa librar se... («Schuf dich zum gott die Stunde»).

Forcejando a Natureza (no homem) apaixonadamente sempre por salvar-se e satisfazer todavia ao mesmo tempo os seus desejos e as suas caprichosas aspirações. Que tão depressa parece docilmente seguir o divino mensageiro que lhe aponta, além, o mundo da verdade, entre as estrellas... como parece, com suas desesperadas luctas, forcejar por attrahil-o ás trevas da materia e fazer-lhe crêr que a salvação e a livre satisfação dos seus caprichos podem ir para a par...<sup>1</sup>.

Vem por fim a lucta derradeira: Kundry — a Natureza rebelde e contrariada — a si propria jura separal-o para sempre do reino do Gral, e em seu auxilio invoca as forças infernaes... E' vencida porém, e o Vencedor — que a si mesmo se soubéra vencer — entra no mundo novamente, armado com a Lança da Vontade (livre) e da Sabedoria, que no emtanto, para a si proprio se proteger no combate da vida ou para com ella se encobrir, nunca deve empregar.

O terceiro acto é finalmente a celebração do triumpho. Parsifal, Gurnemanz e Kundry completam-se respectivamente, representando essa união dos tres o Sêr humano no esplendor da sua absoluta perfeição. A Intuição liberta, já agora, e esclarecida Parsifal) guia o Intellecto (Gurnemanz), que fortifica e illumina a luz da Fé, e seguidos ambos pela Natureza, avassalada e purificada já, formam finalmente a Trindade completa que amestraram a experiencia e a dôr. Kundry encontra-se então no lugar para o qual fôra creada; que outro desejo não tem senão «servir, servir!» Não é já a Natureza irrazoavel e apaixonada buscando em cada sêr humano um Redemptor e achando uma victima apenas em cada um d'elles... pois que finalmente fôra-lhe concedido encontrar um Salvador, o qual, porém, para a salvar a soubera vencer. E, graças a elle, alcança ella a Paz.

A grandiosa scena da Sacração (reproduzindo o antigo cerimonial da Iniciação) plenamente nos demonstra a união dos tres: a Natureza de joelhos, submissa, aos pés do Mestre; o Intellecto reconhecendo-o como Rei e ungiendo-lhe a fronte. E assim o homem, perfeito agora, é emfim admittido no Santuario, pois que o seu coração bate finalmente em unisono com o coração da atormentada Humanidade e tornando-se elle proprio a personificação d'essa Humanidade aperfeçoada e pura, cumpre d'esse modo a

<sup>1</sup> Ou seja a lei do *Karma*, lei de causa e effeito, (do sanscrito: *Karma*, acção). Todos os nossos actos, palavras e pensamentos (estes, sobretudo, como animados de força mais intensa) agindo activamente dão origem, fóra de nós, a determinados pensamentos, actos e palavras pela produção dos quaes inteiramente ficamos responsaveis, tendo nós mais tarde — na presente ou em qualquer futura encarnação — que soffrer as logicas consequências de tudo isso... dependendo, portanto, da qualidade de *Karma* accumulado por cada um de nós, no decorrer das varias encarnações, a individualidade e o respectivo destino de cada um. Assim é que todos vimos ao mundo com maior ou menor bagagem de — dividas karmicas — que forçosamente teremos que pagar. E isso uns aos outros quasi sempre, quando não é a propria Natureza... D'ahi a (apparente) incohesão das coisas d'este mundo, aterrador enigma que a Sabedoria moderna não consegue explicar — Trad.

<sup>2</sup> 2.º acto.

2.º acto, scena com Parsifal.



doutrina de amor; eterna e sua suprema missão!

9-3-903.

H. DE NEUFVILLE.

(Trad. de L. de T.)



## Thomaz Borba



*Para quem sente, como eu, a nostalgia e o desconsolo, pungente ás vezes, de quasi tudo o que em materia de Arte nos rodeia, é a mais não ser sympathico este vulto de musico e um verdadeiro prazer apresental-o aos nossos leitores.*

O padre Borba, cujos talentos de organista e compositor são sobejamente conhecidos, é além d'isso um emerito professor e des-empenna officialmente essas funcções no nosso Conservatorio, ha já cerca de 3 annos.

Na composição da musica sacra, dotado como elle é, cheio de fé ardente e pondo os olhos em purissimos ideias, como poucos sabem pôr, podia ir longe e muito longe, se não fôr a uma exaggerada e inqualificavel modestia e o leve desanimo, que d'ella deriva e que por vezes o invade sem razão de ser.

Em papeis d'arte, que de onde em onde me dou a folhear, encontrava eu ha dias uma carta d'este eminente musico, em que a nota do desanimo apparece bem frisante; transcrevendo-lhe um periodo, conto desde já com o perdão do auctor, a quem nem ao menos sollicitei me auctorisasse a transcripção.

Diz elle: — «A musica religiosa devia naturalmente seduzir a minha sentimentalidade doentia; mas sem recursos para seguir Palestrina e sem coragem para transigir com o nosso estylo, fracassei.»

Abençoados os que assim fracassam com a coragem das proprias ideias e com a nobreza estrenua de quem recusa afastar-se do trilho luminoso que a Arte pura lhes aponta!

E' a esses que muitas vezes incumbe a missão de a levantar e de a glorificar aos olhos dos que não fracassam.

SCHAUNARD.

## CONCERTOS

Effectuou-se a 17 o ultimo concerto da segunda serie, organizada pela *Escola de Musica de Camara*.

Tomaram parte a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, que executou com o professor Benetó uma *Sonata* de Grieg, e os srs. Augusto de Moraes Palmeiro, Antonio Lamas, D. Luiz da Cunha e Menezes e Michel'angelo Lambertini que, conjunctamente com Francisco Benetó, completaram o programma com as seguintes obras:

*Trio* de Mozart, para piano, violino e violleta; *Sonata* de Thuille, para violoncello e piano; e *Quarteto*, de Vincent d'Indy, para piano e instrumentos d'arco.

Estas duas ultimas obras foram dadas em primeira audição,

## NOTICIARIO

DO PAIZ

A respeito de uma circular emittida pela *Sociedade de concertos e Escola de Musica* e de uma local que a proposito da mesma aqui publicamos, manda-nos o nosso prezado collega *O Tiro Civil* um formidando *recipe*, que alem de profundamente injusto, é feito em termos que nem sempre primam por aquella urbanidade e correccção que o nosso illustre confrade implicitamente nos recomenda.

Nunca suppuzemos de facto que para nos dar a pretendida lição de cortezia, fosse mister chamar-nos *impertinente*, *incorrecto*, *vaidoso*, *insensato*, *grosseiro* e quejandas galanterias, que apesar do nosso *desconhecimento do que é vulgar em quem dirige publicações diarias ou periodicas*, nunca nos lembramos de endereçar fosse a quem fosse.

Vê-se portanto que o nosso abalisado collega de *O Tiro Civil*, esquecendo-se por um momento das obrigações que o seu titulo parece impôr-lhe, descalçou francamente as luvas para mais á vontade nos assestar uma pontaria que não queremos abertamente classificar de *incivil*, mas que não deixou de ser um tanto precipitada e cruel.

E dados os termos em que aquella apreciada revista se nos dirige, podiamos poupar-nos ao trabalho de uma resposta, se



não tivéssemos dois fortes motivos que nos impedem de ficar silenciosos: — um, a especial consideração que nos liga aos illustres dirigentes da *Sociedade*, entre os quaes se contam antigos amigos, como Anselmo de Sousa, cujas immerecidas attenções não conseguiremos nunca olvidar e distinctos musicos com quem por vezes temos contrahido quantiasas dividas de reconhecimento — outro, a convicção de que não ha realmente maldade atravez do azedume do nosso illustre collega, antes o desejo, aliás desculpavel, de fazer um innocent reclamo a uma *Sociedade* nascente, cujos nobres e elevados intuitos fomos nós outros dos primeiros a apreçoar.

Historiemos portanto os factos, para plena satisfação da prestimosa *Sociedade* e para... gaudío da galeria.

Quando ha cerca de um anno se instituiu este grupo, abriram-se de par em par as portas do nosso quinzenario por acolher o recém-vindo com todas as honras que lhe eram devidas e mesmo com uma correcção que só mais tarde havíamos de esquecer, ao que parece. Folgamos de constatar que nos faz justiça n'esse ponto o abalisado articulista de *O Tiro Civil*, transcrevendo até palavras nossas, bem recentes, de merecido elogio á sympathica sociedade.

Isto dizemos para significar que no *crime da Arte Musical* não houve a agravante dos *maus precedentes*. A famosa circular é que representou aqui o pomo da discordia, d'onde nasceram todas as grosserias, etc., etc., da nossa humilde folha.

Impõe-se aqui um parenthesis explicativo.

De ha uns annos a esta parte todas as iniciativas generosas e desinteressadas, que em Lisboa se tem produzido em materia de arte musical, são logo contrariadas, deprimidas e até enxovalhadas por um determinado numero de inuteis, que sendo incapazes de produzir seja o que fôr, não consentem, certamente por inveja, que os mais exerçam a sua actividade e o seu esforço como melhor lhes aprez.

Toda a gente sabe isso, menos o illustre paladino da *Sociedade de Concertos e Escola de Musica*, que nem se deu ao incommodo de reparar que nos transcrevia palavras de louvôr, mais que sufficientes para comprovar que não temos por *inutil* o seu grupo. Enfiou atabalhoadamente a carapuça até ás orelhas da pobre *Sociedade* e trouxe-a, todo irado, á galeria.

Fizeram má figura uma e outro, creia.

E já agora façamos mais uma vez, a nossa profissão de fé.

Nunca tivemos nem teremos por inutil qualquer iniciativa, que tenha por intuito o

alargamento e diffusão da nossa Arte. A todas ellas temos dado incondicionalmente o nosso appoio, como se pode facilmente verificar folheando um momento a nossa humilde revista.

E' por isso que reputámos descabido e antipathico um documento, em que no manifesto intuito de deprimir uma empreza similar, se vinham citando glorias proprias, a que já se tinha feito inteira justiça e que era indelicado recordar fora de proposito.

Em termos taes, não tinha a circular razão de ser no nosso jornal, nem mesmo para destruir presumidas confusões ou enganoses.

Diz tambem *O Tiro Civil* que gastamos prosa varia em dar conselhos que ninguem nos pediu e menos nos aceita ou agradece.

Usamos de um direito, que somos os primeiros a reconhecer ao nosso excellente collega, em materia de *sport*; em assumptos musicaes não podemos deixar de constatar que deu, pelo menos d'esta vez, uma formidavel raia.

O concerto offerecido pela insigne violoncellista Guilhermina Suggia á *Assistencia nacional aos tuberculosos*, produziu a quantia liquida de 328:620 réis que foram entregues a esta prestimosa agremiação.



Está de novo entre nós o estudioso e intelligente violinista José Ferreira da Silva, cujas interessantes correspondencias de Leipzig temos varias vezes publicado.

O nosso sympathico correspondente voltará em Outubro para Leipzig, onde fará dentro em breve o seu ultimo exame publico de rebeca.



A assignatura do termo para os alumnos que tenham de fazer exame no Conservatorio e sejam extranhos a este estabelecimento de ensino, realisa-se em principios do proximo mez de julho.

Amanhã, 1, começam os exames dos alumnos que frequentaram este instituto durante o corrente anno lectivo.



Por contar mais de 50 annos de serviço, sem nota, vae ser condecorado com a medalha de ouro o musico de 1.<sup>a</sup> classe reformado, sr. Antonio de Almeida.



Pelo nosso bom amigo, o sr. John Mackee foi ultimamente pedida em casamento para seu filho Cecil, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Eponina Salgado Zenha, gentil filha de fallecido capitalista Salgado Zenha.



## DO ESTRANGEIRO

A ultima producção do fecundo Massenet *Le Jongleur de Notre Dame*, acaba de alcançar ruidoso successo na Opera de Munich. Com este é o septimo grande theatro da Allemanha, onde a notavel partitura franceza é acclamada triumphalmente: Hamburgo, Colonia, Leipzig, Darmstadt, Elberfeld, Dusseldorf, e agora Munich.

Não pode haver melhor nem mais insuspeita prova do alto valor da obra.

Proseguem os dissabores com respeito ás projectadas festas em honra de Wagner, em Berlim. Depois das escusas dos chefes d'orchestra, que em tempo noticiamos, surge agora mais a recusa de M.<sup>lle</sup> Lili Lehmann, uma das mais reputadas interpretes de Wagner, de prestar o seu concurso para a solemnidade. A proposito e espirotuosamente conclue *Le Menestrel* que é provavel que as festas, para se realisarem, o sejam exclusivamente com artistas musicos francezes!!

Uma joven cantora allemã, Irma Golz, discipula da celebre Gemma Bellincioni, e que dava as mais radiantes esperanças, acaba de succumbir aos effeitos da phtisica, que durante tres annos a foi minando lentamente. Até ao ultimo momento a infornada concebeu ardentes esperanças, e quando sentiu e conheceu approximar-se-lhe o derradeiro sopro de vida, pediu aos irmãos que a vestissem com o seu trajo de *Violetta* (Traviata), e enquanto um d'elles no piano acompanhava o *Addio del passato*, a pobre moribunda ia com a sua voz, já mal perceptivel, procurando cantar essa celebre melodia, que fora precisamente um dos seus successos na carreira lyrica.

Nas proximas festas lyrico-dramaticas que de 5 a 15 de julho se hão de effectuar em Dusseldorf, cantar-se-ha uma nova composição de Bungert, escripta sobre um arranjo do poeta Max Grube, das duas partes do *Fausto* de Goethe.

As eleições da Associação dos artistas musicos allemães, agora effectuadas na recente assembleia geral, de Bâle, recahiram em Ricardo Strauss, como presidente, e Max Schillings, vice-presidente. Os restantes membros dos corpos directores são Rassow, Roesch, Felix Mottl, Lessmann e Hans Sommer. Para a commissão especial de musica, foram mais eleitos Humperdinck, Hausseger, Obrist, e Wolfrum. Por occasião de se realisar a assembleia houve brilhantes concertos na famosa cathedral de Bale, e

foi ao orpheon d'aquella cidade que pertenceu o maximo premio. Entre as novas composições executadas salientou-se uma fantasia symphonica para orgão e orchestra, intitulada *Proteo*, original do compositor Rodolpho Louis, de Munich. Porem a peça de resistencia, sempre fervorosamente applaudida, foi a *Missa de Gran* do celebre abbade Franz Liszt, cuja execução foi particularmente notavel.

Em Bergen, e muitas outras cidades da Noruega, festejou-se com grande brilho o 60.<sup>o</sup> anniversario do celebre compositor Eduardo Grieg, que se acha quasi totalmente restabelecido da sua recente doença.

O empresario italiano Monti organisou uma *tournee* consagrada exclusivamente á glorificação do famoso *Barbiere de Seviglia*. Deve percorrer as cidades italianas de Mantua, Vicencia, Veneza, Treviso, Udine, sendo a *troupe* composta de Elvira Brambilla, tenor Ghelardini, barytono Angeli-Forneri, baixo Julio Rossi e buffo Bonfanti.

*Il Barbiere*, que data de 1818, supporta ainda victoriosamente os seus 85 annos de vida.

Em Trieste acaba de se fundar um lyceu de musica, sob a invocação artistica do illustre José Tartini, natural d'Istria. O director do novo instituto é o maestro Philippe Manara, de Imola.

Grande successo no Convent-Garden, de Londres, para Madame Melba, o tenor Bonci e barytono Scotti, no *Rigoletto*, de Verdi. A mesma cantora cantou precedentemente Mimi da *Boheme*, de Puccini; e o tenor francez Alvarez foi delirantemente acolhido no seu debute no *Othello*, de Verdi.

Adelina Patti, a artista mais phenomenal que tem existido, quanto ás qualidades de resistencia e magnificencia voçaes, projecta uma *tournee* de despedida que será definitivamente a ultima, na America. Com esse intuito encarregou o maestro Romualdo Sapiro de organisar os elementos da mesma.

Acaba de se inaugurar com toda a solemnidade na Opera de Paris a estatua de Carlos Garnier, o immortal architecto. Por essa occasião realisou-se na vasta salla da bibliotheca do grande theatro, uma exposição quasi completa de todos os projectos, esboços, paysagens, aguarellas e planos, devidos á habilissima mão do fecundo e glorioso artista. Tres magnificos retratos do chorado



mestre, devidos aos eminentes pintores Paul Bandry, Gerome, e William Bongerueau, especialmente cedidos pela viuva do celebre architecto, revelavam aos visitantes as feições de Garnier, atravez das diversas phases da sua existencia, desde a sua estada em Roma até ao periodo mais fecundo da sua gloria!



O monumento que guarda as cinzas do famoso Boieldieu, no *Pere Lachaise*, achava-se de ha muito em completa ruina. Mr. Guenot, amigo da familia do grande musico francez, offertou a somma de 4.000 francos em que estavam orçadas as reparações; constituindo ainda um fundo de reserva, cuja renda deverá ser applicada ao cuidado continuo e incessante do monumento.



Na Opera de Paris, por occasião da 200.<sup>a</sup> representação do *Samsão e Dalila*, os interpretes foram especialmente escolhidos nos *chefs d'emploi* da troupe lyrica: Madame Heglon, o baixo Delpouget, Cassé, Noté e Nivette. A proposito vem recordar que as primicias da celebre partitura não couberam a Paris, como era natural que tivesse sido; mas sim ao theatro de Weimar, que em 1877, por empenho e viva insistencia de Liszt, estreou a opera de Saint-Saens. Depois d'esta *premiere* ainda se cantou em varios outros theatros d'Allemanha, antes que o theatro de Rouen, o primeiro em França, a tivesse posto em scena. Em Paris a primeira representação da monumental obra prima data de 1890, com Rosine Bloch e Talazac nos dois principaes personagens, mas no Eden-theatre; e só em 1892 é que o empresario Bertrand a fez representar na Opera, d'onde nunca mais deixou de fazer parte do repertorio constante.



A proxima estação lyrica da *Gaité*, com Mr. Luigini como director, será inaugurada com a *Herodiade*, de Massenet, cuja distribuição está confiada a Emma Calvé, tenor Jerome, barytono Renaud e baixo Fournets. Segunda opera será a *Llamenca*, de Henri Cain e Lucien Lambert, com Maria Thiery na protagonista. Outras novidades de grande surpresa se lhe seguirão, das quaes porém se guarda ainda sigillo.



N'uma venda d'instrumentos de corda e arcos, que teve logar em Paris, dois violinos Stracciari foram adjudicados pelos preços de 12:000 e 10:500 francos. Um arco de Pescatte, encastado em ouro e tartaruga, subiu a 170 francos, ao passo que outro elegantissimo de Tury obteve apenas 47 fran-

cos. A totalidade da venda produziu cerca de 29:000 francos.



Saint-Saens partiu em villegiatura para os Pyreneus. No meiado de julho deve partir para Beziers, com o fim de dirigir os ensaios de *Dejanire* e *Parysatis*, que se representarão nas *arenas* d'aquella cidade. em 15 e 16 de agosto proximo, sob a presidencia de Mr. Chaumié, actual ministro das Bellas Artes do gabinete Combes.



Na camara hungara o deputado Rakosi levantou a questão musical de protesto contra a representação do *Annel de Niebelungen* na Opera de Buda-Pesth. Fundamentando-o, disse: «a musica de Wagner só deve ter logar na Allemanha, pois que incarna o espirito e genio allemão. Nós, hungaros, somos de raça touraniana, e nada temos de commum com o espirito allemão». Infelizmente para os escrupulos exclusivistas do reclamante, os compositores hungaros, afóra Erkel e Goldmark, não poderão supprir o repertorio dos seus collegas italianos e francezes, contra os quaes, não sabemos se subsistirão, igualmente, as razões invocadas contra Wagner.



Na proxima estação de inverno deve representar-se em varios theatros da Allemanha uma *opera fallada*, letra e musica de Sr. Gerlach.

Veremos o effeito d'esta innovação lyrica!



Segundo uma curiosa estatistica do *Almanach dos Espectaculos*, publicado por Mr. Alberto Soubies, durante o anno findo de 1902, o compositor que obteve maior numero de representações no theatro da *Opera Comica* foi Massenet, sem embargo de que se tivessem dado somente duas das suas obras: *Manon* e *Griselidis*; as quaes porém se cantaram, entre ambas, 79 vezes. A seguir vem, já muito distanciado, Eduardo Lalo, cuja opera *Le Roi d'Ys* se representou 32 vezes. Depois vem Charpentier com a sua *Louise* (31 vezes), e Bizet, cuja *Carmen* contou 30 recitas. Ambroise Thomaz conta no seu activo *Mignon* e *Caid* (25 vezes), Leo Delibes egual numero com *Lakmé* e *Le Roi la dit*, Gounod 23 vezes com *Mireille* e *Médecin malgré lui*. Debussy com o seu *Pelleas* e *Melisandre*, 22 recitas, e o velho e glorioso Auber 21, com o encantador *Domino noir*. Vem em seguida Puccini, cuja traducção da *Boheme* deu 17 recitas, Reyer (16) com *Maitre Wolfram*, Victor Massé, Coquard (10 recitas cada), e Mozart, Benjamin Godard, Gluck, Donizetti, Paer, Rossini, Mas-



cagni, Adolphe Adam, Saint-Saens, oscilando entre um maximo de 7 e um minimo de 2 representações.

Se se tiver em conta que o theatro teve o encerramento annual dos mezes de julho e agosto, força é reconhecer que a sua actividade nem foi esteril nem remissa.



Lucien Wurmser, o elegante e talentoso pianista, que ha pouco aqui ouvimos, em dois concertos com o celebre violinista Thibaud, desposa a reputada harpista parisiense M.<sup>lle</sup> Lucile Delcourt, bem vantajosamente conhecida. O enlace dos dois talentosos artistas terá logar a 11 de julho, na *mairie* da 18.<sup>a</sup> circumscripção de Paris.



Os concertos orchestraes de Camillo Chevillard, em Paris, teem dado ultimamente as seguintes cifras de producto liquido :

Em 1901-902, 199.845 francos, 1902-903, 208.248 francos.



Claude Debussy está terminando um novo drama lyrico tirado da obra «Shakespeare», e que tem por titulo *Comme il vous plaira*.



Os conhecidos livreiros editores de Turim, Fratelli Bocca, acabam de publicar tres interessantes obras sobre assumptos musicaes :

*L'Academie de France à Rome*, que nos dá a historia completa e quasi inédita da antiga instituição, conhecida pelo nome de *Prix de Rome*;

*Le origini del melodramma*, de Angelo Solerti;

E a primeira traducção italiana da *Historia da Musica*, do dr. Riemann.



Em Moscow prepara-se uma representação festiva da *Damnation de Faust* para commemorar o primeiro centenario do nascimento de Berlioz.

Tomará parte a celebre Van Zandt e o tenor russo Sobinow.



Fecha hoje, para ferias de verão, o theatro da Opera Comique, de Paris, com a *Manon*, de Massenet.

A 14 de julho haverá, porém, ainda um espectáculo gratuito com a *Mignon*.



Parece que um americano, oitenta vezes millionario, vae construir em Paris um novo theatro, na Place Vendôme, no ponto onde

era antigamente o Palacio do Governo Militar de Paris.

O theatro, que é exclusivamente destinado á musica lyrica, interpretada pelos melhores cantores do mundo inteiro, será, ao que dizem, uma maravilha de bom gosto e de elegancia.



O celebre director d'orchestra Felix Weingartner desposou ultimamente em Munich a baroneza Teodora de Dreifus.

## NECROLOGIA

Madame Sybil Sanderson, americana de nacionalidade, mas a quem Paris concedera a naturalisação, e com ella o successo indisputado como cantora, acaba de fallecer n'aquella grande cidade, succumbindo a uma gripe infecciosa, contra que foram inuteis os melhores esforços da sciencia medica.

Tinha estudado canto em Paris que a iniciou na carreira artistica. Teve a boa estrella de ser escolhida por Massenet para crear a protagonista da sua *Esclarmonde*. N'esta opera debutou com extraordinario successo em 1889 na *Opera Comique*, revelando uma voz de soprano sobragudo, como se não ouvira depois de Christina Nilsson.

Sob a direcção artistica de Leon Carvalho, cantou em seguida *Manon*, e pouco depois creou *Phryné*, de Camillo Saint-Saens. Passou em seguida á *Opera*, onde creou *Thais*, de Massenet, e brilhou igualmente no *Romeo e Julietta*, de Gounod. Tendo desposado o riquissimo cubano Antonio Terry, abandonou o theatro, mas a morte prematura do marido levou-a novamente á scena das suas glorias, e em 1901-2 fez parte da troupe da *Opera Comique*, cantando notoriamente *Manon* e *Phryné*. Em Março de 1903 cantou ainda no Casino de Nice. Conforme os seus desejos, explicitamente expressos, procedeu-se á incineração do cadaver, restando apenas um punhado de cinzas da bella e seductora artista, morta na plenitude dos seus meios vocaes.



Um dos melhores cantores allemães, o barytono Theodoro Reichmann, *remier sujet* da Opera de Vienna d'Austria acaba de fallecer na idade de 40 annos.



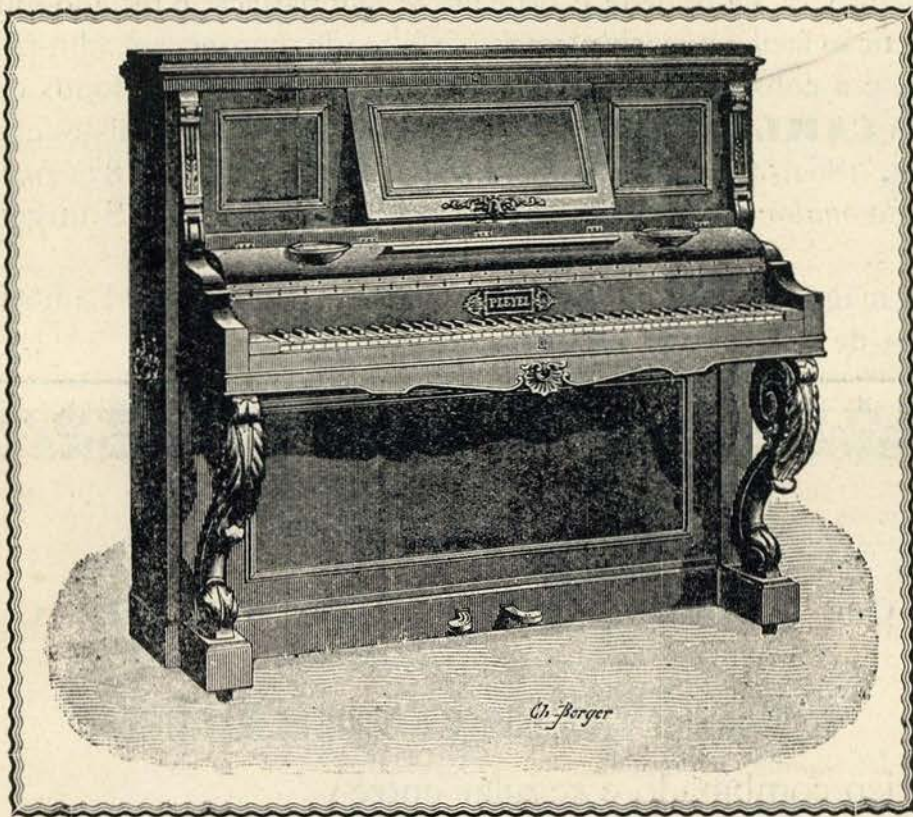
Em 16 do corrente falleceu com 64 annos o sr. José da Costa Pedreira, que foi director effectivo da *Real Academia de Amadores de Musica*



A ARTE MUSICAL  
Publicação quinzenal de musica e theatros  
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C<sup>IE</sup>

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS  
PARIS



HARPA GHROMATIGA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

**PIANO DUPLO PLEYEL**

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor: — ENG.º GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra  
Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900



# CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART



A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguites exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na casa Lambertini, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

## A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

**HAMBURGO — PORTO — LISBOA**  
**ANTUERPIA — PORTO — LISBOA**  
**LONDRES — PORTO — LISBOA**  
**LIVERPOOL — PORTO — LISBOA**

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar quaesquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo.**



A ARTE MUSICAL

Publicação quinzenal de musica e theatros

LISBOA

ARMAZEM PHOTOGRAPHICO

# Worm & Rosa

O maior e mais completo sortimento de machinas, accessorios, utensilios e productos photographicos.

Depositarios das principaes fabricas inglesas, francesas, allemaes e americanas, de artigos para photographias.

135. Rua da Prata, 137

LISBOA

ACABA DE PUBLICAR-SE:

Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes

de POR. &

ERNESTO VIEIRA

2 Expendidos volumes adornados com 33 magnificos retratos, na sua maior parte absolutamente ineditos

Preço brochado..... 4\$000 réis

Luxuosamente encadernados 5\$500 réis



Bandolins italianos

GRANDE SORTIMENTO DESDE 8\$000 A 36\$000 RÉIS

ESTOJOS PARA BANOOLIM

Desde 3\$500 réis

ESPECIALIDADE em cordas inglesas e palhetas de tartaruga.

Enorme sortimento de methodos e musica para bandolim

Á VENDA NA:

Casa LAMBERTINI



## PROFESSORES DE MUSICA

<b>Adelia Heinz</b> , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
<b>Adelina Judice Samora</b> , professora de guitarra, <i>Trav. de S. Sebastião, 26 4.º E.</i>
<b>Alberto Lima</b> , professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
<b>Alberto Sarti</b> , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
<b>Alexandre Oliveira</b> , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
<b>Alexandre Rey Colaço</b> , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
<b>Alfredo Mantua</b> , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
<b>Andrés Goni</b> , professor de violino, <i>Praça do Príncipe Real, 31, 2.º</i>
<b>Antonio Soller</b> , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
<b>Candida Cilia de Lemos</b> , professora de piano e órgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
<b>Carlos Botelho</b> , professor de piano, <i>Travessa de Santa Quiteria, 63, r. c., D</i>
<b>Carlos Gonçalves</b> , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
<b>Carlos Sampaio</b> , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
<b>Eduardo Nicolai</b> , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
<b>Elvira Rebello</b> , profes. <sup>a</sup> de musica e piano, <i>Collegio MOZAKT, Angra (AÇORES)</i>
<b>Ernesto Vieira</b> , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
<b>Flora de Jesus Nazareth Silva</b> , prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
<b>Francisco Bahia</b> , professor de piano, <i>Rua de D. Carlos, 119, 4.º</i>
<b>Francisco Benetó</b> , professor de violino, <i>Avenida. 198, 4.º, E.</i>
<b>Irene Zuzarte</b> , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
<b>Isolina Roque</b> , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
<b>João E. da Matta Junior</b> , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
<b>Joaquim A. Martins Junior</b> , professor de cornetim, <i>R. das Salgadéiras, 48, 1.º</i>
<b>José Henrique dos Santos</b> , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
<b>Julieta Hirsch</b> , professora de canto, <i>Bairro Castelhinhos, Rua A. — R. G., 3.º</i>
<b>Léon Jamet</b> , professor de piano e órgão, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
<b>Lucilia Moreira</b> , professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 4, 2.º</i>
<b>M.<sup>me</sup> Sanguinetti</b> , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
<b>Manuel Gomes</b> , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
<b>Marcos Garin</b> , professor de piano, <i>Rua da Cruz dos Poyaes, 49, 1.º</i>
<b>Maria Margarida Franco</b> , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
<b>Maria da Piedade Reis Farto</b> , prof. de piano e violino, <i>R Arsenal, 124, 2.º, E.</i>
<b>Mathilde Girard</b> , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 47, 1.º, E.</i>
<b>Octavia Hansch</b> , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
<b>Philomena Rocha</b> , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E</i>
<b>Rodrigo da Fonseca</b> , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
<b>Victoria Mirés</b> , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 2.º, D.</i>

## A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias .....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

**Preço avulso 100 réis**

*Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração*

**Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA**